

O TEMPO QUE SE REESCREVE NA FICÇÃO PORTUGUESA DA ATUALIDADE

Maria de Lourdes Netto Simões

"E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto
Que não se muda já como soía".
Camões

Resumo

A Literatura Portuguesa da atualidade enfatiza a Revolução do Abril de 1974 como tema. Este texto ocupar-se-á da produção ficcional dos anos que se seguem àquela revolução, em observância do seu processo de comunicação relacionado à ação do tempo.

Abstract

The actual Portuguese Literature emphasizes as theme the April Revolution of 1974 in Portugal. This paper looks into the ficcional production after that revolution, looking for that

communication's processus related to the action of the time.

A reescrita da história pela ficção ocorre para a geração ficcional portuguesa do Abril de 1974, em consonância com a *vivência* de cada um, por processo de *interação* (Gumbrecht, 1977), enquanto "processos de ações sociais reciprocamente relacionadas". As experiências de guerra, de repressão, de discriminação, de insegurança, de ganhos e perdas sociais e de angústias povoam o imaginário desses escritores que viveram em Portugal, ou nas colônias, ou estiveram exilados no estrangeiro. Agora, trazem aquele tempo histórico para o ficcional. A geração que acompanhou o percurso da revolução realiza, nesses últimos anos, a reflexão dessa vivência. O que, entretanto, neste texto quero ressaltar é a ação do tempo como modificador do processo interativo; quero examinar a interferência da relação de proximidade ou distanciamento do vivido para com o processo criador. Ou seja, interessa-me observar que essa mesma geração, ao longo do tempo, devido à *interação*, dá tratamento diferenciado ao mesmo núcleo temático que é a revolução do 25 de Abril.

Entre o vivenciar e o escrever está o tempo. Do escrever com base no imaginário resulta a ficção: mais viva, passional (algumas vezes), porque próxima temporalmente do vivenciado, quando imediatamente ficcionalizado; reflexiva, distanciada, esfumada na memória, tanto quanto o intervalo entre a experiência e a produção é maior. Assim é que o imaginário, o flúidico, que se vale da memória e se concretiza na ficção, sofre as modificações que o distanciamento do fato lembrado determina. O olhar ficcional, voltado ao tempo passado, vai-se gradativamente alterando e toma novas cores, novos tons, à proporção que a Revolução vai, por sua vez, avançando em ganhos e frustrações. O novo homem português assimila dupla feição, ao lado da clandestinidade anterior (só agora revelada), a da historicidade desses novos tempos, quando a ficção busca a pátria e o sentido da identidade perdida. O tempo, necessário à maturação criadora, passa a ser mesmo preocupação da Geração do Abril. Maria Velho da Costa já traduz essa reflexão quando, para abrir o seu livro *Lúcialima* (1983), toma o pensamento de Júlio Pomar: "Entre o ver e as palavras entropõe-se um tempo que só pode ser o presente; as palavras, essas, escravas do vivido, nascem sempre de um depois" (In: COSTA, M.V.: 1983, 7). Em textos mais recentes dessa Geração, pode-se observar que, insistindo no tema, os ficcionistas o fazem com a convicção plena deste fato e pela necessidade de não deixar que a memória de *um tempo* se perca na bruma do tempo.

Teolinda Gersão, respondendo a Inquérito sobre o "que pensam os escritores da Literatura Portuguesa", fala da importância de:

tratar Portugal não só depois do 25 de Abril, mas também antes, não só porque as pessoas têm memória curta, mas também - e sobretudo - para que as gerações mais novas, que não viveram essa época, possam ter dela uma perspectiva".

A propósito disso, João de Melo reescreve *A memória de ver matar e morrer* (1977) ao publicar *Autópsia de um mar de ruínas* (1984), "por forma a que a guerra colonial regresse comigo à memória dos vivos", como ele mesmo afirma ao abrir o livro com "Notícia e um recado a quem vai ler". Calcado na mesma história, a escrita dessa nova versão, porém, é outra. Como o próprio autor entende, "a visão mais distanciada das emoções e do horror próximo da guerra e também uma maior destrição entre o então vivido e o agora escrito, separam, segundo creio, o romance de testemunho, de 1977, do texto literário de 1984".

Ainda em anos mais próximos, temas relacionados com a revolução do Abril reincidentem em textos singulares. Seus ecos são sentidos através de um imaginário já agora amadurecido na forma que o distanciamento oportuniza. Depois, o afastamento necessário ao relato sereno e reflexivo fatalmente ocorre com o passar do tempo. A ficção faz desse distanciamento, por vezes, tema; por vezes, redimensionamento da linguagem (ironia, paródia, pastiche), ou do espaço; por vezes ainda, processo estrutural. As reflexões sobre o fato, agora distante, oportunizam o amadurecimento do autor e, pela *interação*, resultam numa produção literária arrojada, de recursos sutis.

Na ficção portuguesa mais recente, pelo aprofundamento das preocupações com a recuperação da identidade, chega-se à dessacralização dos mitos históricos que sustentam a identidade do português. É o que faz António Lobo Antunes ao escrever a "antiepopéia" *As Naus* (1988), com olhar amargo e irônico. Intertextualizando parodicamente *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, Lobo Antunes, ao falar de retornados, retoma e desglorifica os heróis de Camões "a meio caminho entre o real e o fantástico, que é o que este país é e foi, pois nunca se saberia se aquilo que um dia aconteceu foi mesmo verdade se a gente não visse ali os Jerônimos e a Torre de Belém" (ANTUNES, A.L.: 1988, 36). Tomando para a sua ficção o nome dos personagens camonianos, dessacraliza-os pelo tratamento e configuração que lhes empresta. Faz do regresso das caravelas de Camões, o regresso dos retornados das antigas colônias portuguesas. Sobre a ressaca da guerra colonial, impiedosamente, fala Lobo Antunes, entre outros, de um certo Diogo Cão com quem se encontrava, "bebericando de um frasco oculto no forro do casaco, que há trezentos, ou quatrocentos, ou quinhentos anos

comandava as naus do Infante pela Costa de Africa abaixo" (Idem, 212).

Dessacralizando o mito de D. Sebastião, Almeida Faria parodia o rei português, em *O Conquistador* (1990). Como ele afirma pela boca do seu personagem Sebastião, "não seria casual a coincidência de el-rei D. Sebastião e eu termos vindo ao mundo no dia do santo do mesmo nome" (FARIA, A.: 1990, 19). O livro percorre o período de vinte e quatro anos, pela memória; o de sete meses, pela escrita; o de sete capítulos, pela estrutura. Ao contrário do D. Sebastião da História, o autor não busca morrer e mesmo afirma que "não corre quem mais caminha, mas quem mais imagina" (Idem, 132). O material imagético flui de sonhos e desenhos de um amigo. Concluindo o livro, o narrador não conclui o ofício, já que sutilmente anuncia a sua seqüência, não só pela epígrafe, mas pelo relato do escritor recolhido, recebendo "novos esboços", sejam desenhos ou sonhos.

O tempo da História, que interage na mudança de perspectiva do autor, ocorre também ficcionalmente ao fazer interferir o distanciamento no imaginário. A visão que a maturidade concede, nascida da experiência vivenciada, se acrescenta ao acontecido. Baptista-Bastos, em *A Colina de Cristal* (1989), constata a mudança que o tempo determina: "a maturidade de um homem está ligada à perda da sua inocência, à desilusão, ao desencanto. Muda-se-lhe tudo: a maneira de olhar e de examinar as coisas, que se tornam mais distantes" (BAPTISTA-BASTOS: 1989, 151). O escritor-jornalista observa a ação inexorável do tempo: "agora, há uma parte de mim mesmo que anda mais devagar. Por isso prefiro ficar só; não quero atrasar os outros" (Idem, 9). Volta o olhar para o passado e pensa que antigamente nem sempre fez o que era certo, mas sim o que era necessário. E conclui que já não dispõe "de uma lembrança consciente dos caminhos percorridos" (Idem, 211). É o tempo que turva a memória. Em *Crônica do Tempo* (1990), Maria Isabel Barreno observa que "sem mudarmos de lugar reparamos um dia que já não vivemos na mesma sociedade, na mesma cidade. Reparomos, enfim, que o tempo é o verdadeiro protagonista de todas as nossas histórias" (BARRENO, M.I.: 1990).

Pela *interação*, o transcórre do tempo faz com que as personagens, de jovens que eram em uma época, tornem-se envelhecidas agora, quando, em avaliação do acontecido, enxergam os fatos com distanciamento. Às vezes, os mesmos lugares garantem o laço do presente com a memória, como acontece em *Alguns Lugares Muito Comuns* (1987), de Eduarda Dionísio. Redimensionam-se na relação da personagem com o mundo, quando acontece a constatação de que "ele já não era ele, uma evidência, nem ela, segunda evidência; porquê, porquê?, porque o tempo anda, simplesmente" (DIONÍSIO, E.: 1987, 22). O texto se estrutura, em tempo, a partir da relação com

o espaço. Com a fragmentação própria do lembrar, os espaços são retomados em escrita e neles o tempo elastece em mistura de lembranças e vivências. Assim, o tempo se superpõe num mesmo espaço - lugar comum. A escrita é forma de fazer esse espaço guardar o tempo e é catarse pela necessidade de fazer jorrar a memória como "uma torrente que viam nascer sem limites de tempo e antes que inundasse a terra toda melhor seria canalizá-la para as letras que aplacavam os males" (Idem, 237). Militante política que foi, para Eduarda Dionísio o passado é como marca de referência para o presente; a escrita, reconstrução do lugar comum, revolucionária também de si mesma.

Impossibilitada de reter o conteúdo do que viveu, segundo ela mesma afirma em entrevista a Inês Pedrosa, Lídia Jorge escreve *A Costa dos Murmúrios* (1988). O livro é dividido em duas partes ("Os Gafanhotos" e "A Costa dos Murmúrios") e se estrutura com base na distância temporal de vinte anos. O relato é o do acontecido em Moçambique no período da guerra colonial. O fato é o mesmo; os personagens também. O sujeito da narração é quem muda e com ele a perspectiva e a maturação do acontecido. A história, relatada em "Os Gafanhotos" por um jornalista, é re-posta, completada, refletida por Eva Lopo, a Evita de vinte anos antes: "o seu relato foi uma espécie de lamparina de álcool que iluminou, durante esta tarde, um local que escurece de semana a semana, dia a dia, à velocidade dos anos" (JORGE, L.: 1988, 41). Os textos se superpõem como versões. A versão limitada, informativa, superficial, do jornalista observador, no primeiro; e a versão de quem vivenciou, amadureceu por vinte anos e refletiu sobre o acontecido, de Eva Lopo, no segundo.

Os processos de ação do tempo interagem, da vivência do autor para a ficção e desta para o leitor. A literatura que apresenta essa tendência consegue produzir, por construções estruturais e de linguagem, um efeito de "verdade" ficcional sobre aquela versão que aparentemente não pôde ou não quis enxergar toda a verdade. Os textos que tomam a questão temporal como elemento temático e estrutural redimensionam-se também quanto à verossimilhança, na medida em que não é somente a coerência interna que conta, mas é posta em causa a própria veracidade do relato que agora se faz não pelo confronto com a realidade, mas pelo confronto (num mesmo texto) entre as várias versões ficcionais. Nessa literatura, para além do que dizem as palavras, há alguma coisa a ser lida, que não é o que se encontra no nível metafórico, mas para além; está na estrutura que também fala. O desassombro com que esses escritores trabalham a *verdade*, fazendo dela elemento estrutural, faz com que o seu texto não seja meramente histórico, mas ficção de reconstituição, retomada, revisão, reflexão sobre o acontecido. Reescrita.

Referências bibliográficas

- FARIA, Almeida. *O conquistador*. Lisboa: Caminho, 1990.
- ANTUNES, António Lobo. *As naus*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.
- BARRENO, Maria Isabel. *Crónica do tempo*. Lisboa: Caminho, 1990.
- BAPTISTA-BASTOS. *A colina de cristal*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1989.
- COSTA, Maria Velho da. *Lúcialima*. Lisboa: O Jornal, 1986.
- DIONÍSIO, Eduarda. *Alguns lugares muito comuns*. Lisboa: Gradiva, 1987.
- GERSÃO, Teolinda. "O que pensam os Escritores da Literatura Portuguesa". In: *J.L.*, nº 201, Lisboa, 12 de Maio, 1985.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. "Über Erkenntnisinteressen, Grundbegriffe und Methoden einer handlungstheoretisch fundierten Literaturwissenschaft", MS Bochum. Trad. de "Sobre os interesses cognitivos, terminologia básica e métodos de uma ciência da literatura fundada na Teoria da Ação", in Luiz Costa Lima (ed), *A Literatura e o Leitor*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.
- JORGE, Lídia. *A costa dos murmúrios*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.
- _____. Entrevista a Inês Pedrosa. *Revista Ler*, nº 1, 1988.
- MELO, João de. *Autópsia de um mar de rúlnas*, Lisboa: Assírio e Alvim, 1984.